

# 4

## Rua João Adolfo, 118 – 12°. andar

**P**ressões políticas e decisões judiciais contra *Realidade* criavam um clima mais tenso. A equipe continuava propondo matérias ousadas e reivindicando aumento de salário a cada crescimento das vendas. Como elas eram maiores a cada mês, pedíamos aumento todo mês a Robert Civita, o que provocava uma bela discussão. Nós argumentávamos que se a empresa estava ganhando mais com nosso trabalho, era justo que nós também ganhássemos mais. Robert respondia que não era assim, que a empresa tinha outros encargos etc. Não se chegava a acordo, mas de vez em quando nosso salário era aumentado.

Imagino que em parte para poupar o filho de desgastes com as autoridades e da pressão da equipe, Victor Civita deu a Robert outras funções na empresa... Consta que foi participar do lançamento de outra revista, a *Veja*. Isso aconteceu aí pelo final de 1966. Paulo Patarra assumiu como diretor provisório.

A cada número a revista vendia mais, era um sucesso editorial sem precedente! Mas nós trabalhávamos muito. Principalmente na fase inicial, ficávamos o dia inteiro juntos, fazendo de tudo, discutindo cada aspecto. Sérgio de Souza e Miltainho mexendo nos textos, conversando com os repórteres e fotógrafos. Nós, os que estivessem na casa, ficávamos ali, escolhendo fotos junto com o Patarra, Eduardo Barreto



(diretor de arte), Figueirola, seu assistente, e os fotógrafos, e discutindo a paginação. Paulo nos chamava:

– *Brainstorming!*

Formávamos uma roda ao redor de alguma mesa para “bolar” títulos, aberturas, títulos de página, fazer legendas:

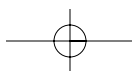
– Uma linha de 37 toques!

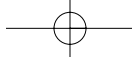
– Doze linhas de até dezessete toques!

Era muito divertido! As tentativas eram muitas até haver concordância geral. “Haja pinga!”, título da matéria de Marão no número 1, foi muito discutido, até Robert participou. Lembro de um título de página que Marão jogou na roda, e aceitamos: “Na corrida dos espermatozoides o prêmio é a vida”, para uma matéria científica sobre a gestação e o nascimento de uma criança. Foi Mercadante quem achou o título da minha reportagem sobre o garimpo: “Diamante, calibre 38”. O título “Este petróleo é meu” nasceu assim também, numa roda animada.

O dia na revista começava entre 9 e 10 horas da manhã. Eu, que morava no Ipiranga, vinha de trólebus até o viaduto Nove de Julho. Descia a Xavier de Toledo, a ladeira da Memória e chegava à rua João Adolfo, uma rua de apenas duas quadras que termina na avenida Nove de Julho. Endereço da *Realidade*: João Adolfo, 118, 12o andar. A gente fazia tudo por ali: o banco que pagava os salários, o Lar Brasileiro, ficava na esquina da João Adolfo com a Álvaro de Carvalho, a cem metros. O Bar do Léo, onde se gastava parte do salário, a 120 metros...

Nos dias normais comíamos ali mesmo, ou por perto, em restaurantes populares da Xavier de Toledo ou da 7 de Abril, como o Massadoro, que Mamprin nos apresentou, e que depois ficou famoso. Mas, se era sexta-feira ou dia de pagamento (recebíamos dia 5 e dia 20), andávamos a pé um pouco mais. Podíamos ir ao Bexiga, à rua Treze de Maio, ao Roperto, comer cabrito, ou fusili com lingüiça calabresa. Ou íamos ao Almanara, na Basílio da Gama, que servia um verdadeiro banquete com doze pratos árabes, frios e quentes.



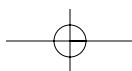


À noite, podíamos continuar o “papo” na casa de alguém, no mais das vezes na casa de Sérgio de Souza, antes parando para comprar pizza e cerveja. Ou então, subíamos à pé duas quadras e estávamos no Gigetto, que ficava na Nestor Pestana. Parece que ainda sinto o perfume e o gosto das grandes travessas de mariscos e camarões, do galetto grelhado, do fusili com brachola. Mas podíamos ficar duas quadras para oeste, na praça da Biblioteca Municipal, a Dom José Gaspar, numa mesinha de calçada do inefável Paribar. Uísque com gelo e amendoim. Geralmente nossas conversas giravam em torno de pautas, novas idéias...

Andávamos muitas vezes juntos, em grupo um tanto barulhento, em horários imprevistos. Declaramos nossa incompatibilidade com o relógio de ponto – nosso argumento, não tínhamos hora para entrar porque não tínhamos hora para sair –, não marcávamos ponto. Para os outros funcionários da Editora Abril, com horário de trabalho rígido e obrigados a marcar ponto na entrada e na saída, devíamos passar uma imagem de privilegiados, talvez de vagabundos, de indisciplinados. Provavelmente, o chefe do Departamento de Pessoal nos considerasse um mau exemplo.

Mas não éramos vagabundos. A equipe inicial era pequena. Três editores de texto apenas, um secretário de produção, dois paginadores. Os repórteres e fotógrafos ou estavam viajando ou fazendo matérias em São Paulo mesmo, nas quais nos envolvíamos encarniçadamente. Nos outros dias, estávamos pesquisando novas pautas, preparando-nos para as reuniões, dando palpite em tudo, gastando os dias e as noites... Os editores, trabalhando para aprimorar os textos, para dar aquele acabamento que até hoje é objeto de admiração. E era tudo tão divertido, tão gostoso, como um jogo em que mergulhávamos de cabeça, sem hora para terminar.

E quem havia de discordar? A revista era um sucesso! Nas primeiras edições, no dia em que chegava às bancas, na hora do almoço, vários de nós íamos nos postar perto de uma banca de jornais do





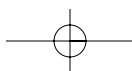
viaduto do Chá. Para ver a revista sair e saber quem comprava. O jornalista mal tinha tempo de atender a todos. E nosso público era majoritariamente jovem, pessoas entre 25 e quarenta anos. Nossa equipe era ainda mais jovem. Afora a Micheline Frank, que cuidava da seção de cartas e era mais madura, e o Roberto Freire, que já batera nos quarenta, nós outros tínhamos entre 25 e trinta anos. Hamilton de Almeida, Paulo Henrique Amorim, Svetlana Novikow e Norma Freire tinham ainda menos.

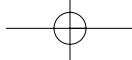
Quase todo o tempo andávamos a pé, ou de táxi e ônibus. Ninguém tinha carro. Um dia, Mercadante comprou um Gordini, carro popular da época, e foi um acontecimento. Mas também tudo era perto. Os teatros, os cinemas, o João Sebastião Bar, a Baiuca, o Jegral do Luís Carlos Paraná, as boates da “Boca do Luxo”. Freqüentávamos o que era então território mais charmoso da cidade, que começava na praça Roosevelt, ia até a praça da Biblioteca Municipal, dali às ruas 7 de Abril e Barão de Itapetininga; a seguir, praça da República, largo do Arouche. Avenida da Consolação e Maria Antônia, por um lado, rua Major Sertório por outro; avenidas Ipiranga e São Luís, no meio, e no fim a avenida São João.

## **Nossos companheiros, os fotógrafos**

*Realidade* seguia uma tendência da época, das revistas ilustradas por grandes fotos. *Paris Match*, *Life*, *O Cruzeiro*, *Manchete* etc. Época de grandes fotógrafos internacionais. Também no Brasil havia bons fotógrafos. Estou me referindo à fotografia jornalística, de reportagem. Por isso, eram chamados de repórteres fotográficos. Faziam reportagens com fotos. Isso foi antes da TV em cores, que liquidou com as revistas ilustradas. Mas não com os grandes fotógrafos, claro.

*Realidade* tinha uma particularidade. Sua criação e a formação da equipe contaram com a participação decisiva dos próprios jornalistas.





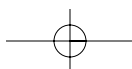
Não foi uma criação apenas do empresário, de cima para baixo. E a equipe valorizava muito, além do texto trabalhado, fotografias de qualidade.

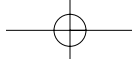
Os fotógrafos eram experientes. Fomos buscá-los entre os melhores. Geraldo Mori veio da revista *Manchete*. Walter Firmo, do *Jornal do Brasil*. Luigi Mamprin, veio de *O Cruzeiro*. Jorge Butsuem já trabalhava na Abril. Estes eram contratados. Mas havia freelances. Americanos, como David Zing, Claudia Andujar, George Love, o inglês Roger Bester, o francês (ou belga?) Jean Solari, e vários outros, brasileiros.

Os fotógrafos mais chegados – falo de Mamprin, Firmo e Mori – estavam sempre conosco, participavam, com a mesma liberdade, de todas as fases de trabalho da revista: discussão de pauta da matéria, discussão das fotos a fazer, seleção de fotos, edição e paginação (e sempre reclamavam que a “melhor” foto não foi aproveitada, que aquele corte não ficou bom). Participavam das discussões salariais também, e a equipe se preocupava em equiparar seus salários, que eram um pouco inferiores aos dos repórteres.

Exemplo de uma pauta fotográfica criada coletivamente foi a da matéria “Indinho brinca de índio”. Planejamos previamente seis fotos como necessárias. Patarra, Sérgio de Souza, eu e Geraldo Mori debatemos detalhadamente sobre as fotos que deveriam ser produzidas. Foi feito até um esqueminha gráfico (“boneco”) com a paginação dessas fotos. Na última hora, Mori não pôde ir. Butsuem foi em seu lugar. Passamos as idéias e o boneco para ele. Butsuem realizou plenamente a pauta, fez grandes fotos.

Repórter e fotógrafo trabalhavam em dupla pra valer. Durante a matéria íamos trocando idéias com liberdade. Sentindo a matéria juntos, eu sugeria fotos e recebia ajuda do fotógrafo na elaboração das matérias. Por vezes, fotografava, e há até fotos publicadas que foram feitas por mim (em “Resgate de uma tribo”, por exemplo, há duas).





O fotógrafo também ia conversando, obtendo informações valiosas, que repassava ao repórter.

Em geral o fotógrafo tratava de contar a mesma matéria que o repórter estava fazendo. Para isso conversávamos muito. Um exemplo é a afinidade entre texto e foto na matéria "O Piauí existe". Mas havia trabalhos mais "independentes", principalmente quando feitos pelos *freelances*, que também ficavam bons, como a matéria sobre um matadouro na Bahia, texto de Roberto Freire e fotos de David Zing.

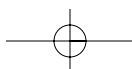
As fotos eram valorizadas. *Realidade* abria fotos de meia página, de página inteira, e até página dupla. Muitas vezes elas diziam tudo sobre um assunto.

A revista era bem paginada, sob a direção de arte de Eduardo Barreto, sempre muito fino de percepção. E também paciente com os companheiros, porque a escolha de fotos e a paginação eram muitas vezes uma obra coletiva, demorada. Com aquele seu meio sorriso irônico inesquecível, ele ia fazendo e refazendo *layouts* conforme nossas sugestões, acendendo um cigarro atrás do outro. A equipe toda participava. Havia reuniões que se prolongavam, às vezes atropelando prazos, o que deixava o "Guima", Woile Guimaraes, nosso secretário de redação, em apuros para negociar com o pessoal da gráfica.

Também muito paciente, no fim ele apelava:

– A máquina tá parada, esperando a matéria, gente!

Narciso, que escrevia textos enormes e depois resistia bravamente a cortar, era o recordista em atrasos. Uma ocasião, ele zanzava pela redação aflito, com um texto enorme. Pediu para eu dar uma olhada, sugerir cortes. Peguei um lápis e fiz várias sugestões. Dentro de algum tempo Narciso voltou e eu lhe devolvi o texto. Ficou indignado. Passou uma borracha e apagou todas as minhas observações. Aí foi negociar com Sérgio de Souza, o editor de texto. Aos poucos se acertaram. Só o jeitinho de Sérgio é que conseguia dobrar o "turco".



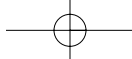
**“Diauí, você chegou?  
Eu cheguei.  
Então tá bom.”**

“Indinho brinca de índio”, a história de como um menino índio se torna um guerreiro no Xingu, foi uma pauta minha, aprovada no *brain storm*. E lá fomos, o “Buts” (Butsuem) e eu, voar num C-47 do CAN (Correio Aéreo Nacional) da FAB para o Parque Nacional do Xingu. Como sempre, carregados de alimentos enlatados, carne seca, goiabada, queijo, uma enorme mortadela (presente para Cláudio Villas Bôas), e anzol, linha de pescar, miçangas, caramelos, pilhas de lanterna, para os índios. Mais nossas redes, roupas, equipamentos fotográficos.

Antes, a viagem havia sido combinada com Orlando Villas Bôas pelo rádio. No Xingu, ficamos hospedados na casa do Posto Leonardo, casa boa, de madeira, com um espaço interno aberto, no estilo espanhol, para ficar mais ventilada. Dali, Butsuem e eu íamos a pé para as aldeias mais próximas – a dos iaulapitis e a dos camaiurás.

O etnólogo Eduardo Galvão, do Museu Goeldi, de Belém do Pará, estava no Parque do Xingu. Ele me deu preciosas informações – eu perguntava dia e noite sem parar, deixei o homem cansado. Conversei bastante com o pajé Calucumã, acompanhei os meninos em pescarias, depois fomos nadar (eu também totalmente nu, o que sempre me deu muito prazer porque aprendi a nadar assim nas águas do rio Paraná). Butsuem, muito urbano, não tirava nem a camisa. Mas em compensação, não cessava de procurar os ângulos para as fotos que havíamos planejado.

Depois, concentramos o trabalho na aldeia iaulapiti porque o cacique Canato estava conduzindo o rito de passagem de seu filho Aritanã, mantendo-o recluso por meses, na maloca, enquanto lhe passava os ensinamentos e tradições tribais. O pai preparava o filho para se tornar um chefe e sucedê-lo na liderança da tribo. Hoje, Aritanã é um importante cacique do Xingu. A propósito, foi a partir dessa reportagem que



o nome Aritanã (reduzido para Aritana) se popularizou, mais tarde, virou até nome de personagem de novela.

Conversamos com Canato e rimos muito porque ele era alegre, esperto, sábio. Assistimos sua extrema habilidade para pescar com lança. Não era flecha, não, mas lança mesmo, uma longa taquara com um osso dentado fixado na ponta. Canato viu o peixe lá no fundo cristalino do rio e “vapt”, meteu a lança água adentro com força e pontaria certa.

Vimos a tribo fazer uma pescaria coletiva usando *timbó*, cipó que, batido na água, entorpece os peixes. A pescaria foi uma grandeza!

Ficamos horas na casa de Canato, conversando com Aritanã. E o fotografamos matando peixe (o pai fez uma exceção em sua reclusão, para ele poder sair). Depois fomos vê-lo lutar *huca-huca*.

Butsuem e os índios se espantavam sobre as semelhanças entre eles (Butsuem é nissei), semelhanças de posturas, de sons, de palavras. Eles diziam alegremente para ele:

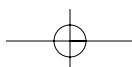
– Você índio também!

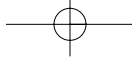
Apesar da recepção calorosa, o que mais Butsuem desejava era que decorressem os três dias até o retorno do avião da FAB para a gente voltar. Ele sabia que só havia um vôo por semana e não queria perdê-lo por nada. Estava sentindo muito desconforto, muito calor, dormindo mal na rede, estranhando a comida, com saudade da família. Butsuem estava decidido a voltar.

– Afinal – dizia ele –, já temos as fotos que planejamos, você já tem a história. Pra que ficar mais?

Eu queria ficar ainda uma semana, aproveitar mais aquele paraíso, aquela doçura que era conviver com os índios. Mas fiz o que ele queria. E uma coisa ficou clara logo que foram feitas as revelações: Butsuem havia tirado grandes fotos!

Do texto dessa reportagem guardo boas lembranças. A primeira foi um elogio de Sérgio de Souza, dizendo que havia gostado da frase





da abertura. A segunda é que virou costume na redação, quando se queria fazer carinho a quem chegava, reproduzir o diálogo entre a mãe índia e seu filho, contido na matéria:

- Diauí, você chegou?
- Eu cheguei.
- Então tá bom.

“Fulano, você chegou?” Em 1988, vinte anos depois de nossa saída de *Realidade* e após um longo período em que vivi na clandestinidade, reencontrei Roberto Freire em sua casa, no alto da serra, naquele paraíso que é Visconde de Mauá, no estado do Rio. E ele me recebeu precisamente com essa frase:

- Azevedinho, você chegou?

Respondi:

- Eu cheguei.

E ele:

- Então tá bom.

